



**Plurais Virtual**

**Universidade Estadual de Goiás**  
**Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas de Anápolis**

---

## **É PRECISO FALAR DE MULHERES, SOBRE MULHERES, COM AS MULHERES, PELAS MULHERES**

Entrevista com Ana Carolina Eiras Coelho Soares

Por Ademir Luiz\*

Ana Carolina Eiras Coelho Soares é doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009) e professora da Universidade Federal de Goiás. Realiza pesquisas sobre a imprensa, o código civil brasileiro, Gênero, História das Mulheres e sobre a literatura de José de Alencar. É autora de diversos artigos e livros, entre eles “Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz: Relações de gênero e história em José de Alencar” (2012), lançado pela EDUSC, e “Toda Menina pode ser Mulher” (2008), pela Editora Oficina do Rio de Janeiro. Em tempos de sucesso do filme “50 tons de cinza”, debates sobre fantasias femininas e violência contra a mulher estão em voga. Nesta entrevista, Ana Carolina Eiras Coelho Soares aborda essas temáticas, mas também trata de José de Alencar, Bruna Surfistinha, estudos de Gênero, pornografia, fantasias femininas, repressão, preconceito e diversos outros temas. Sempre falando sobre a mulher.

**ADEMIR LUIZ: A gênese de “50 tons de cinza” foi como uma fan fic (textos escritos por fãs sobre personagens conhecidos) de “Crepúsculo”. Nos dois casos a virgindade é um tema central, sendo que a protagonista de “Crepúsculo” é uma adolescente, enquanto a de “50 tons de cinza” é uma jovem adulta. Como interpretar isso?**

ANA CAROLINA: A virgindade é fascinante porque a ideia de ser o primeiro a lidar com o sexo da mulher faz parte de nosso imaginário patriarcal. Aquele que toma posse do corpo feminino é seu dono. É exatamente essa a maneira que o personagem Christian Grey assume quando sabe que a Anastasia é virgem, e é com a mesma surpresa e deferência que o vampiro Edward trata a Bella em “Crepúsculo”, insistindo que ela deveria ter experiências normais

---

\* Pós-doutor em Artes Visuais. Professor na UEG.

antes de se tornar vampira, pois ele teme machucá-la se perder o controle. O controle masculino do seu corpo e o controle por se excitar demais porque ela é virgem e, portanto, perfeita. Esse, aliás, é um adjetivo usado por ambos os heróis para designarem suas “escolhidas”. E elas são perfeitas, pois são imaculadas do uso de seus corpos com outros homens. É um sinal de pureza, a castidade. O fato da personagem ser mais velha em Grey demonstra como é difícil pensar em uma relação igualitária entre os sexos durante o sexo. Mesmo que o Grey não fosse declaradamente um BDSM, ele seria controlador, como vários homens ainda são. Principalmente aqui no Brasil. É como diz um velho ditado machista, para os homens “lavou, está novo”, mas mulher tem divisão: “aquelas que são para casar e aquelas que são para diversão”. Infelizmente, o corpo feminino está longe de pertencer às suas donas em nossa sociedade

**ADEMIR LUIZ: “50 tons de cinza” é um livro abertamente vendido como literatura erótica. Com exceção de medalhões reconhecidos pela crítica, como Anais Nin e Georges Bataille, de modo geral trata-se de um gênero tido como marginal, sujo, lido na clandestinidade. Independentemente do mérito literário ou do evidente machismo, como a senhora vê as pessoas não se acanharem em andar a luz do dia com “50 tons de cinza” debaixo do braço?**

ANA CAROLINA: “50 tons de cinza” é vendido como literatura erótica chick-lit. Nesse sentido, são como os romances “Sabrina”, amplamente consumidos na década de 80, que as mulheres liam para satisfazer e apimentar a relação. Além disso, houve uma grande jogada de *marketing* em torno do livro que o alçou a uma literatura não apenas possível, mas como desejada para a mulher moderna do século XXI. Ele foi comercializado amplamente nos EUA e super anunciado e incensado pela mídia aqui no Brasil. Dizia-se que ele apimentaria a relação da mulher casada e deleitaria de desejo a mulher solteira. É uma propaganda deliciosa de consumo. Um pouco de dor e muito prazer!

**ADEMIR LUIZ: Aparentemente, as mulheres são de fato as principais consumidoras de “50 tons de cinza”. O que elas buscam nesse livro? E, o que é mais importante, o que elas encontram nesse livro?**

ANA CAROLINA: Buscam prazer e a fantasia de que a dor das práticas sadomasoquistas, que o personagem Grey propõe, é apenas imaginária. Grey seria um romântico, como diz a própria

personagem Anastasia. Ele é o Príncipe Encantado que precisa ser consertado por uma mulher especial. Essa ainda é uma das fantasias das mulheres no século XXI. O homem incompleto que se torna perfeito porque a mulher o transforma. Elas buscam a aventura da relação sem limites, mas com o limite claro de um homem bem-sucedido e com uma fortuna invejável. As mulheres buscam o sonho de serem princesas e putas.

**ADEMIR LUIZ: No filme “O Declínio do Império Americano” (1986), do canadense Denys Arcand, um dos personagens ironiza que a fantasia sexual básica das mulheres consiste em um jantar romântico, seguido de sexo delicado. O sucesso de “50 tons de cinza” confirma a ironia ou é uma deturpação do verdadeiro imaginário feminino?**

ANA CAROLINA: Não acho que exista o tal “verdadeiro imaginário feminino” e muito menos que ele seja único, singular e universal. Acho que a camada mais alta da sociedade – a elite em algum termo – gosta de se ver como representação do todo. Existem muitas maneiras de se fazer sexo, e muitas maneiras de ser romântico e nem todas elas estão ligadas ao chavão aburguesado flores, jantar e sexo de sobremesa. Existem homens que são a própria sobremesa e mulheres que são o banquete todo!

**ADEMIR LUIZ: Os praticantes de BDSM (acrônimo para "Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo") reclamam que “50 tons de cinza” demoniza práticas que eles realizam apenas entre adultos e do modo consensual, condenando-as como abominações sexuais que só podem ter sido motivadas por traumas de infância e que devem ser “consertadas”, “reprimidas”. Qual a opinião da senhora sobre isso?**

ANA CAROLINA: Acho positivo que um *Best-seller* traga à baila questões sobre grupos sexuais que são relegados ao esquecimento, mas que vivem intensamente no imaginário social. O sexo amarrado, com pequenas palmadas, com excitadores em gel são amplamente comercializados nas *sex shops*. Falar disso é muito positivo. Mas “o quarto vermelho da dor” realmente foi uma escrita confusa do que realmente acontece nos meios BDSM. Essa história de que a dor está na sua mente também é outra balela. Ou você curte isso, ou o sexo será horrível. Nesse sentido, acho que trazer a discussão para o grande público é muito

interessante, mas a maneira que foi feita muito controversa. Não sou especialista em BDSM, mas sei que não é exatamente daquele jeito doentio e psicopático que funciona. O grande problema é que o Grey não é um dominador. Ele é um cara com fortes tendências psicopatas e dominador.

**ADEMIR LUIZ:** Na Europa e nos EUA as atrizes pornográficas que se destacam possuem fãs clubes e ganham prêmios da indústria de entretenimento adulto. No Brasil, a cantora Gretchen justificou sua presença em um filme pornográfico alegando que se tratava de um filme para família, uma vez que atuou apenas com seu marido na época. A ex-atriz global Leila Lopes, que depois suicidou, afirmou que seu filme pornô era, na verdade, uma obra de arte, tendo sido baseado em Nelson Rodrigues. Muitas musas televisivas, depois que posam nuas, ficam na defensiva alegando que fizeram nu artístico, não pornografia. Por que no Brasil, mesmo para as profissionais, ainda é um tabu usar o corpo para ganhar dinheiro? Por que é diferente na Europa e nos EUA?

ANA CAROLINA: O Brasil é um país de herança católica apostólica romana. Até 120 anos atrás, não éramos um país laico. Há ainda um ranço altamente puritano para falar de sexo. Tenho certeza que muita gente achará essa entrevista instigante, mas incômoda. E vários acharão que estamos a falar de “putaria”. Há uma imensa dificuldade de assumir que o sexo é parte de nossas vidas, que ele é algo saudável, a partir de determinada idade, e que o faremos – se possível – até o final de nossos dias. A indústria do sexo existe, pois há quem a consuma. Lembro-me de uma vez ver em um site de *sex shop* escrito bem grande que as pessoas não se preocupassem, pois os produtos seriam mandados em caixas sem identificação e no cartão de crédito não apareceria o nome da loja, mas um nome fantasia. É de uma hipocrisia terrível viver em um país assim! A vergonha cristã do olhe, mas não toque; lamba, mas não sinta o gosto, ainda é uma das maiores falácias de nosso país.

**ADEMIR LUIZ:** “O Doce Veneno do Escorpião”, de Bruna Surfistinha, fez muito sucesso no Brasil há alguns anos em função de sua narrativa ser, basicamente, as confissões inconfessáveis de uma garota de programa. Paradoxalmente, a autora vendia a imagem de ser uma libertina recuperada. Esforçava-se para deixar claro que tudo o que viveu era passado e que encontrou seu “final feliz” no casamento e na moral burguesa. É possível traçar um paralelo entre essa persona pública de Bruna Surfistinha e a personagem Lucíola, de José de Alencar?

ANA CAROLINA: Não. A Bruna Surfistinha é uma mulher que viveu plenamente sua sexualidade e fez porque quis, porque dava dinheiro e porque ela gostava. Lucíola, ao contrário, foi obrigada, devido às contingências da época de doenças e da família passando necessidades. Ela nunca se orgulhou do que fazia e, assim que pôde, parou com a prostituição. E a Lucíola não tem um final feliz. Ela sente que seu coração estava sujo de seu passado e morre. A Bruna casa com um ex-cliente seu e ainda lança um livro. Mundos modernos, mundos contemporâneos.

**ADEMIR LUIZ: Alguns grupos feministas utilizam a nudez para chamar atenção e chocar durante seus atos de protesto. Numa sociedade onde a nudez está banalizada, é uma tática eficiente? Não se corre o risco de transformar o protesto em mais um circo da mídia?**

ANA CAROLINA: Acho que é uma tática eficiente em certa medida, ao tomarmos como ponto de partida que os corpos das mulheres não lhes pertencem. Eles são expostos e objetificados pela mídia. O corpo natural não aparece, somente o perfeito, aquele que se quer vender. Existem mulheres gordas, magras, altas, baixas, idosas, com estrias, celulites e gravidezes marcando suas histórias na carne. Mas a carne que se coloca a venda é apenas um tipo. Por isso, uma mulher “normal” sem qualquer glamour nua na rua é um ato político válido. A mídia sempre tentará fazer disso um circo, mas acho que as pessoas têm inteligência para perceber essas nuances e entender que aquelas mulheres não estão ali para vender cerveja ou carros, e sim para defender o direito de não serem expostas desse jeito justamente na mídia.

**ADEMIR LUIZ: A senhora é especialista na obra de José de Alencar. Destacadamente na relação entre gênero e história em seus livros. De modo geral, como Alencar caracterizava suas personagens femininas?**

ANA CAROLINA: De maneira romântica e idealizada. Alencar sonhava com a prostituta ideal, a que não gostava do que fazia e largava seu ofício, com a dama ideal da Corte, educada, civilizada e feliz em seus atributos de mãe e esposa, seus lugares na sociedade.

**ADEMIR LUIZ: O que as mulheres de Alencar podem ensinar para as mulheres contemporâneas?**

ANA CAROLINA: Muito, mas não da forma como Alencar gostaria. Sou uma grande admiradora do “José escritor”, mas, infelizmente, é a verdade. Elas são versões idealizadas de mulheres que deveriam saber como se comportar, agir e pensar para serem apenas esposas, mães e mulheres felizes nesses papéis. Temos que aprender a não sermos só isso e não almejarmos só isso para nossas vidas e de nossas filhas. Dizemos que queremos trabalhar, mas ocultamente desejamos um homem para pagar nossas contas e ser o nosso “Príncipe Vampírico” ou dominador. É uma anulação de todas as conquistas feministas e de toda uma luta de avanços e direitos. Eu trabalho principalmente porque isso é parte constitutiva do meu sujeito no mundo. Eu, mulher trabalhadora, sou profundamente feliz com o que faço. E em todas as minhas faces identitárias não trabalhar me tornaria menor e mais infeliz.

**ADEMIR LUIZ: Parte considerável dos acadêmicos que estuda gênero é também militante da causa. Existe risco de perder a objetividade científica?**

ANA CAROLINA: Que objetividade científica? Isso existe? Ainda falam nisso? Para quê? Nenhum trabalho é neutro ou objetivo cientificamente, pelo menos não desde as discussões sobre isso na década de 1980. É preciso desconstruir de vez essa noção.

**ADEMIR LUIZ: A famosa sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) tornou-se posteriormente LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis) e depois ainda LGBTTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). Possivelmente podem ocorrer acréscimos. Parece-me que essas siglas foram cunhadas pelos pesquisadores militantes a partir de suas pesquisas e, na sequência, difundidas no meio. Existe o risco de que a incorporação, consciente ou inconsciente, dessas categorias tão bem definidas gere o efeito colateral de engessar identidades sexuais ao invés de promover a liberdade de escolha e prática sexual?**

ANA CAROLINA: Não acredito. São parte mais de uma tentativa de encontrar a pluralidade de possibilidades do que o engessamento. O mundo pós-moderno é plural, mas saber lidar com isso sempre foi uma questão. Se você precisa de rótulos, precisa achar um nome para se

entender. Por isso, tantos nomes e tantas siglas. Na realidade, são pessoas. Sonho com o dia que nos chamaremos apenas de seres humanos. Ou X-Men, o que também seria o máximo.

**ADEMIR LUIZ: O cartunista Laerte, que tornou-se “cross dressing” (pessoas que se vestem usando as formas usuais de se vestir do sexo oposto sem necessariamente ser homossexual ou bissexual), está em uma cruzada pessoal para adquirir o direito legal de usar o banheiro feminino em lugares públicos. Essa busca por um direito não pode gerar jurisprudência que favoreça a ação de criminosos sexuais (estupradores, pedófilos, etc.) que se travestem para atacar suas vítimas? Vale a pena correr o risco?**

ANA CAROLINA: Esse é o tipo de pensamento que faz com que algumas escolas não contratem pedagogos homens. Esse pavor generalizado de que todo homem é uma ameaça precisa ser pensado com muita clareza. As masculinidades também sofrem no processo de uma sociedade machista e patriarcal. Acho que é um exagero total esse tipo de colocação.

**ADEMIR LUIZ: Vejo diversos trabalhos acadêmicos sobre mulheres vanguardistas, em situação de exceção ou praticantes de modalidades sexuais tidas como não normativas. Para nosso leitor compreender, refiro-me a trabalhos sobre lésbicas, prostitutas, mulheres envolvidas em crimes, mulheres vítimas de crimes etc. Parece-me consideravelmente menor o número de pesquisas sobre, vamos chamar assim, as “mulheres comuns”, aquelas que levam vidas relativamente tranquilas, que trabalham em atividades corriqueiras, que assistem a novelas, praticam religiões institucionalizadas (católicas ou protestantes), criam seus filhos de forma tradicional, etc. É apenas uma impressão ou o foco das pesquisas não são mesmo essas mulheres?**

ANA CAROLINA: Essas mulheres “comuns” são as vanguardistas, as lésbicas, as prostitutas, as criminosas, as vítimas de crime. Elas somos nós. Nós somos mães, esposas, filhas, amantes, e lavamos louça, colocamos criança na escola, fazemos comida, vemos novela e tudo o mais. Nosso trabalho é sempre múltiplo, mas, como diria Michelle Perrot, há um processo de esquecimento da existência das mulheres na História. Por isso, é preciso recuperá-las nesse passado. Falar de mulheres. Falar sobre mulheres. Com as mulheres. Pelas mulheres. Por isso, será sempre um trabalho de militância, um trabalho sem neutralidade, e

um dos muitos trabalhos que nós mulheres fazemos e estamos produzindo cientificamente no Brasil.

Março de 2015